

## SEXUALIDADE, ANGÚSTIA E PRAZER

SEXUALITY, ANXIETY AND PLEASURE

Lucía Barbero Fuks<sup>1</sup>

Resumo: O trabalho versa sobre a questão da sexualidade e seu lugar na psicanálise contemporânea. Com base em contribuições teóricas clássicas e contemporâneas, propõe-se reflexões sobre o objeto da psicanálise no tratamento de pacientes neuróticos e não neuróticos. Desta forma, conclui-se que a sexualidade é uma dimensão do psíquico e que está em contínuo movimento.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Psicosexual. Prazer. Psicanálise. Sexualidade.

*Abstract: This paper deals with the question of sexuality and its place in contemporary psychoanalysis. Based on classical and contemporary theoretical contributions, it is proposed to reflect on the object of psychoanalysis in the treatment of neurotic and non-neurotic patients. In this way, it is concluded that sexuality is a dimension of the psyche and that it is in continuous movement.*

*Keywords: Psychosexual Development. Pleasure. Psychoanalysis. Sexuality.*

Não há dúvida de que, como consequência das descobertas na área médica, a sexualidade humana evoluiu de forma significativa. Assim foi, por exemplo, quanto aos métodos anticoncepcionais que revolucionaram a prática da sexualidade. Os psicanalistas, porém, não se deixaram influenciar em demasia pelas mudanças "reais", tanto físicas quanto morais, em relação ao sexual.

Essa reserva se deveu, em primeiro lugar, ao fato de que a Psicanálise toma por objeto a sexualidade recalcada e suas sequelas inconscientes. Em segundo, de que as consequências com as quais trabalhamos com os pacientes adultos têm sua origem na sexualidade infantil e remetem a tempos anteriores.

O lugar do sexual na teoria contemporânea vinha sendo mais reduzido que nos primórdios da Psicanálise. O sexual começou a ficar em perspectiva devido à importância dada às pulsões destrutivas, ao narcisismo, à desorganização que afeta o sujeito nas chamadas patologias do eu. A concepção psicanalítica da sexualidade não poderia extrair suas conclusões da sexualidade aparente; por isso se diferencia de qualquer outra ao abranger as formas não visíveis, inconscientes, recalcadas, disfarçadas ou transformadas de uma sexualidade muito mais ampla que suas manifestações observáveis.

<sup>1</sup> Psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Autora de "Narcisismo e Vínculos", co-autora de "Abuso sexual na infância", co-organizadora e co-autora de "A clínica conta histórias", "Desafios para a psicanálise contemporânea", "O sintoma e suas faces" e "Psicanálise em trabalho".  
E-mail: bflucia@uol.com.br

Em um breve percurso pela teoria freudiana, seguindo as ideias de André Green (1984), seria possível destacar uma série de descobertas realizadas por Freud a partir da etiologia sexual:

- A comprovação do papel da sexualidade nos sintomas antes dele desconhecido, e a descoberta da função do sonho como realização de um desejo infantil que se reatualiza no presente.

- A descoberta da sexualidade infantil, a descrição do desenvolvimento da libido e sua culminação no complexo de Édipo, que nos remete à sexualidade infantil como norma que explica sua natureza polimorfa, da qual as diversas perversões constituídas no adulto são falhas em sua evolução (conceito de fixação).

- O trabalho com a transferência, concebida como repetição do infantil recalcado.

- A situação conflitiva da sexualidade, sempre em oposição a uma força de condição equivalente, que no conjunto é constitutiva do recalque - o qual só protege o eu de forma imperfeita, dando origem à angústia. A sexualidade como base sobre a qual se edifica o psiquismo, sustentada pela pulsão sexual, que não se manifesta a menos que um conflito de fundo a faça aparecer.

Tudo isto nos leva a falar em muitos momentos de psicosexualidade. O recalque (conservador) e o inconsciente (que desconhece o tempo) permitem o ressurgimento ou a reativação dos conflitos infantis e assim fica difícil uma resolução temporária.

A sexualidade infantil está caracterizada pelo apoio em uma função, por seu caráter autoerótico, e por sua multiplicidade. Trata-se de um feixe de pulsões, operando independentemente a partir das chamadas zonas erógenas. Assentam nos buracos corporais, regiões de borda, de limite entre o interno e o externo. São pulsões parciais e fragmentárias. Procuram satisfação em pedacinhos do corpo do outro. Freud distinguiu pulsões orais, anais, sádicas e voyeristas. O processo de socialização impõe o estabelecimento de barreiras ou diques que implicam um reencaminhamento – dando lugar ao asco, à compaixão, ao pudor. Desejo, recalque e proibição serão progressivamente articulados ao longo da teorização.

O que a ideologia espontânea mostra como um destino natural de desejo erótico-amoroso pelo sexo oposto, sujeito, no entanto, a desvios, a psicanálise apresentará como um longo processo de investimentos, proibições, renúncias, identificações, havendo certa normatização de caminhos, sujeitos a bifurcações e alternativas.

Assim como os sonhos permitiram estabelecer uma via régia ao inconsciente, o estudo das perversões e o deciframento dos sintomas neuróticos formam a via para o acesso à questão, permanentemente aberta, da sexualidade. Os sintomas neuróticos são concebidos como vicissitudes da sexualidade. São soluções de compromisso entre os desejos e a defesa, que revelam as

fixações, intensidades pulsionais e fantasias sexuais construídas ao longo de uma infância singular, sendo o conteúdo principal do inconsciente recalcado. No caso da histeria, terão o corpo como lugar privilegiado de manifestação. Quando a Psicanálise fala do corpo não está se referindo ao corpo da biologia, da fisiologia, mas ao corpo erógeno, marcado pela linguagem. Corpo pulsional, desejante, fantástico e expressivo, corpo transmutado pela relação com o psiquismo dos outros. O conceito de representação passa a ser a encruzilhada onde se entrecruzam os campos que possuem uma ação decisiva sobre o psiquismo. Ainda mais, o conceito de representação abre a possibilidade de pôr em relação os resultados da elaboração interna (intrapsíquica) do sujeito e os efeitos das relações que se formaram na experiência com o semelhante (o outro humano).

A tensão sexual não processada, não simbolizada, não transformada em libido, sem inscrição representacional, tenderia a determinar transtornos corporais próprios das neuroses atuais e das somatizações, assim como transtornos que envolvem o corpo e a ação compulsiva nas adições, nos transtornos alimentares, nas atuações impulsivas agressivas.

Presente com toda intensidade ao longo de boa parte da infância, o complexo de Édipo mobiliza as energias pulsionais e as capacidades psíquicas da criança, sendo seu desfecho crucial para a futura configuração subjetiva do indivíduo. Cumpre, nesse sentido, uma função normativizante postulada como universal, dado que a renúncia pulsional e as interdições do incesto e do parricídio constituem a lei fundamental da cultura - instituindo a saída para a exogamia, regulada pelas regras de parentesco, pela linguagem e por outros dispositivos simbólicos complexos, construídos pelas sociedades ao longo da história. É, assim, a base estruturante das sociedades e o eixo da socialização de seus membros.

A instauração do complexo exerce uma incidência estruturante da subjetividade individual. Sua resolução e o modo como se processa são decisivos para o tipo de escolha de objeto, para o acesso à genitalidade – visto que tal acesso não está garantido por processos de maturação biológica – e para a posição identificatória resultante do processo de sexualização. A resolução do complexo de Édipo tem um papel instituinte na tópica psíquica, dada a diferenciação e estabilização do sistema “ideal de eu – supereu”, e que tem um componente fundamental nos emblemas tipificantes em relação a masculino e feminino.

A restrição do sexual, que se fez presente em diversos momentos, conspira contra a ideia freudiana de que o sexual constituiria o laço eletivo entre o corporal e o psíquico, e que seria o inspirador e o agente impulsionador do desenvolvimento. Disto derivariam duas características principais: a primeira, estrutural, na hipótese de uma ponte somato-psíquica. A segunda, histórica, porque a dinâmica sexual é inseparável da temporalidade. Isso constitui um atributo essencial da sexualidade: está presente em seu difasismo, intervém no *après-coup*, etc.

Quanto à relação com os outros, é Eros o que se inscreve no topos entre

sexualidade, amor e vínculo: passa a ser entidade e princípio, agente e efeito, causa e consequência: “Eros que produz a coesão de tudo no mundo”<sup>1</sup>. O prazer passa a ser o referente de uma rede em que vão se instalar o amor e seu contrário, o ódio; o sentido e seus índices (crença, incógnita, incerteza) e, logicamente, a angústia e a necessidade da defesa.

Existe uma pressão exercida de forma constante – força pulsional – e uma rebeldia permanente que se opõe à domesticação, o caráter passional (pulsão – paixão). A libido é o índice de Eros, o que quer dizer também seu representante, seu mandante, seu demandante e sua potência. Onde Eros está presente, a libido é a expressão psíquica da sexualidade. Eros, força do vínculo, ligará ao mesmo tempo o mundo interno (a psique) e a relação com o objeto situado no mundo externo, mas formado – por incorporação – no mundo interno. A energia disponível de Eros, a mesma que se exerce no amor, é a libido, que se situa no Eu – Isso indiferenciado.

Mas Eros e a função sexual devem se diferenciar na teoria – Qual é essa diferença? A sexualidade, presente desde o início, tem uma evolução, um desenvolvimento. Tem também um declínio, por causa do envelhecimento. Eros, no entanto, é atemporal. Porque, se a força da função sexual é passível de experimentar variações de quantia, os traços mnêmicos das experiências eróticas, com as diversas expressões do objeto ligadas às da destrutividade, estão inscritos de forma atemporal (para sempre) na psique graças ao inconsciente.

Compreende-se assim que é o amor – a pulsão de amor – que toma a dianteira sobre a sexualidade, sem se dissociar dela. O amor abrange então as diferentes expressões citadas por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (amor dos amantes, entre pais e filhos, a amizade, o amor à pátria, etc.) e compreende também suas formas sublimadas. Assim, os objetos da sublimação, integrados na função objetalizante, sobrevivem às variações da sexualidade devidas à constituição biológica do homem. O biopsíquico tende ao psíquico. Nessas condições, a espiritualidade, tão manifestamente presente no amor, mas também tão manifestamente habitada pela sexualidade, encontra seu lugar na teoria freudiana como um dos avatares possíveis de Eros.

Introduzindo outra perspectiva, podemos dizer que a psicanálise nasceu da teoria traumática, que identificava o trauma com uma sedução. Foi abandonada depois como etiologia única das psiconeuroses em favor da concepção que privilegiava a fantasia. Desde então o problema não deixou de surgir e de ser reavaliado na psicanálise.

Ferenczi (1933/1992) traz um aporte importante quando diz que o trauma não se limita à ação excessivamente violenta de uma excitação sexual prematura e imposta. O trauma estaria na ausência de uma resposta do objeto a uma situação de desvalimento – que mutila para sempre o eu porque conserva um núcleo primitivo que se reativará frente a certos estímulos durante a vida toda.

J. McDougall (2001) nos traz uma interpretação mais recente ou atual quando afirma a essencial natureza traumática da sexualidade e culmina na propo-

sição das noções de *sexualidade adictiva e de neonecessidades sexuais* – práticas que aproximam o sexual das toxicomanias. Aborda também a intimidade das relações entre o sexual e o somático, estabelecendo uma ponte entre o psicossomático e o psicossomático, denominando-as “sexualidades arcaicas”.

Existem traumas universais na existência humana: a existência do outro, a descoberta da diferença dos sexos e das gerações e a impossibilidade de evitar a morte. É importante considerar o valor de sobrevivência psíquica – consecutiva ao trauma – representada pelos “sintomas” sofridos pelo paciente. Podem surgir também mecanismos de desmentida (recusa) e de cisão, que tentam minimizar as perdas de objeto, as ameaças que pesam sobre a identidade, o medo, etc.

Essas descrições abrem novas perspectivas para a patologia do narcisismo – a negação da alteridade, a necessidade de autoafirmação do eu, não refreada por nenhuma consideração para com o objeto: o eu estaria tão sintônico com a pulsão sexual que até poderia se confundir com ela.

Uma das razões para que a sexualidade tenha sido relegada a um papel secundário na cura poderia referir-se à maior solicitação de atenção para com os pacientes que apresentam estruturas não neuróticas. A exploração ou pesquisa psicanalítica se afastaria da sexualidade para se dirigir ao eu ou ego. Os pacientes *borderline* foram objeto de um interesse crescente, e a sexualidade deixou de ser de fato um ponto central em relação ao papel que era conveniente atribuir-lhe na gênese das neuroses.

Quando Freud trata das relações neuroses-psicose em seus artigos de 1924 (1924a[1923]) (1924b[1923]) admite implicitamente que os processos de defesa que afetam o eu (cisão, intrusões, fissuras) são responsáveis pelas extravagâncias e loucuras dos homens e desempenham um papel equivalente ao da sexualidade nas neuroses. Outros autores centraram seu interesse no eu, suas regressões, fixações, arcaísmos inadaptados.

Não podemos negar que a escuta do material dos casos fronteiros não revela, de forma tão clara quanto nas neuroses, as relações entre o discurso manifesto e a sexualidade, tal como se deixa adivinhar no discurso latente, inconsciente do neurótico. Pelo contrário, os problemas ligados à estrutura do eu ficam, nos pacientes fronteiros, muito visíveis.

Desde Freud até a atualidade, a dissociação entre sexualidade e reprodução, possibilitada pelas técnicas biológicas, constitui o progresso maior da prática sexual legalizada (anticoncepcionais, parentalidade tardia, inseminação, procriação assistida). A isso se acrescentam as mudanças na estrutura familiar, antes marcada pela força da figura paterna: a possibilidade do divórcio, a transformação da condição social da mulher e a conquista da sua independência econômica alteraram consideravelmente as relações entre homem e mulher e, como consequência, entre pai e mãe. Ainda observamos, como psicanalistas, a distância entre hábitos, comportamento sexual, ideologia da sexualidade contemporânea e organização psíquica inconsciente no mundo interior. Mas não

podemos deixar de pensar que, no decorrer do tempo, teremos que fazer uma reavaliação entre as incidências biológicas, sociais e psicológicas que afetam o sexual.

Como aparecerá no futuro a sexualidade infantil, e como se refletirá na criança essa série de novas normas? É possível supor que se manifestará em relações mais complexas entre a sexualidade e outros aspectos do psiquismo. Pensemos na importância atual das desordens do apetite (anorexia, bulimia) e em sua relação com as toxicomanias, que substituiriam hoje os sintomas mais diretamente vinculados à sexualidade genital.

Apesar de tudo isso, seria ingenuidade acreditar que a sexualidade estaria finalmente livre de sombras. A questão sexual é quase impossível de se resolver. O vínculo que junta sexualidade e prazer é o fundamento do sexual na psicanálise. Temos que considerar também o par prazer-desprazer, em que um dos termos não pode ser pensado sem o outro.

O princípio de prazer-desprazer ocupa o centro das manifestações da sexualidade. O princípio da realidade aparece como um princípio de prazer modificado, destinado a preservar o prazer e proteger contra os perigos. Por exemplo, a desorganização do eu pelo exercício sem freio das diversas formas de prazer (a droga) e, por outro lado, a transgressão em relação à lei (o incesto, o abuso).

Temos que considerar também que, às vezes, o princípio do prazer deriva em fracasso, como na sexualidade criminal. Os estados críticos dos atos delitivos (violações, incestos) não vão só acompanhados de prazer. Neles se comprova a exigência de uma necessidade imperiosa, de uma pressão incontrolável, mais que a realização de um desejo. Essa necessidade é acompanhada pela ameaça de desorganização do eu, que pode chegar à despersonalização. Prevalece o sentimento de dominação e de poder, onde o prazer – sádico, inclusive – se apaga em favor de afetos que se caracterizam pela vingança e pelo controle onipotente.

Podemos sustentar que a pulsão é a matriz do sujeito. Na teoria freudiana, o eu nasce das relações entre as pulsões e o mundo exterior. O eu é atuado pelas pulsões e tende a ligar-se ao objeto como a seu complemento.

Retomando o que se disse anteriormente, a sexualidade, nas análises hoje, não desempenha um papel tão claro como antes. Temos duas razões para isso:

1 - As indicações de análise tem-se deslocado para pacientes mais regressivos que os neuróticos, quer dizer, para estruturas não neuróticas (casos fronteiros, personalidades narcisistas, caracteres patológicos, síndromes psicossomáticas) em que o papel etiopatogênico da sexualidade pareceria menos evidente. São situações nas quais as desordens se atribuem mais ao eu. Nessas estruturas não neuróticas, a constelação sexual é mais diversa e complicada.

2 - Mas a sexualidade é menos aparente também porque os psicanalistas, em uma proporção cada vez maior, trabalham inconscientemente para que o

## ARTIGO

papel da sexualidade fique menos em destaque. Isto é, ela ainda está presente no material que o paciente traz através de suas fantasias, seus sonhos e na transferência, mas o analista prescinde dessas manifestações, considerando-as contingentes ou defensivas. Ele se dirige ao que acredita mais pertinente, que se situaria em um momento anterior, primordial, que seria o determinante dessas manifestações.

Depois de todas essas considerações, o que podemos afirmar ao certo é que a sexualidade é uma dimensão do psíquico e que está em contínuo movimento.

## NOTAS

<sup>1</sup> GREEN, A. **Las cadenas de Eros**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998, p. 44.

## REFERÊNCIAS

FERENCZI, S. (1933) Confusão de língua entre os adultos e a criança. **Obras completas; psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. (1924a[1923]) Neurosis y psicosis. In: **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. 19.

\_\_\_\_\_. (1924b[1923]) La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis. In: **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. 19.

GREEN, A. **Las cadenas de Eros**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

MCDUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

